

QUINTA-FEIRA  
2 de Fevereiro-1928

5 TOSTÕES

2.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

89

sempre

fixe

semanário  
humorístico



Propriedade  
RENASCENÇA GRAFICA  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
PEDRO BORDALLO

Administração  
REDACÇÃO E OFICINAS  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57

Carlos Leal, "ardina,, honorario



Os papeis, na mão do gracioso artista, renderam tanto que até pareciam papeis de credito! «Não ha troco», era a sua divisa. Realmente, para tão grande «nota» de vivacidade e de alegria, não havia troco. A brincar encheu a mala. Nunca os pés lhe doam!



## Os ditos da semana



### A semana dos artistas

Lisboa veio toda à baixa, na semana passada, para ver a gente dos teatros ao balcão.

Era um espectáculo teatral de graça, tão de graça como se fôsse uma recita de gala, e o povinho não se dispensa de aparecer onde lhe pedem que dê apenas a sua presença.

Os artistas representaram bem; alguns interpretaram tão conscienciosamente o seu papel, que a gente até tem pena de os ver regressar ao tablado. Poucos eram esses, felizmente.

A beleza feminina constituiu um dos grandes atractivos da festa. Onde aparecia uma carinha bonita era casa à cunha. Assim se explica o sucesso de certas peças.

Os artistas venderam de tudo. Venderam muitos e variados artigos, mas as artistas venderam especialmente sorrisos.

Quando se esgotaram as lojas, os artistas foram até à Praça da Figueira e ahí fizeram maravilhas.

Uma galinha choca vendida pela Corina Freire, pôz-se logo a cantar a *Favorita*.

Um coelho que passou pelas mãos do Carlos Leal, armou em gato e foi-se encarrapitar na estatua de D. Pedro IV no Rocio, a miar:

—Quem me descobrir vai almoçar comigo uns grelinhos de nabo muito frescos.

Um repolho regateado pelo Augusto Costa, pôz-se logo a dizer piadas de sua casa como se estivesse a fazer um *compère* de revista.

A Maria Cristina vendia marmelos que torciam o bico, quando o freguez lhe pegava. assim como quem diz:

—A mim não me trincas tu.

A Margarida Ferreira, convencida de que ainda estava na Livraria Portugalia, que-

ria à força que a regateira lhe dissesse quantas folhas tinha uma alface para a impingir a um freguez reclamando o numero de paginas.

Um auctor de opereta, vendia pevides, mas declarava gostar mais de mexer em pecegos.

O Santos Carvalho e o Alberto Ghira, com o habito de vender papel higienico na rua da Prata, vendiam umas folhinhas de couve muito macias, para o que cada qual julgasse mais conveniente.

Henrique de Oliveira vendia tainhas e a Auzenda vendia a mocidade que ainda lhe sobra.

Adelina Abranches, não se lembrou de vender o sol e ainda bem, senão ficavamos todos às escuras, porque ninguem tinha coragem de lhe dizer que não.

Houve pé de salsa que se pôz a fazer um pé de dança assim que viu a Lubelia Sti-

chini e cabeças de vitela que faziam olhos das ditas mal mortas, quando Maria Sampaio lhes fazia festinhas no focinho.

As mãosinhas de vitela cantavam o fado das mãos criminosas e as mãos de nabos resignavam-se a uma mudez sepulcral, mas não deixaram de ter gestos expressivos.

Constança Navarro vendia sardinha petinga, afirmando à freguezia que as sardinhas como as mulheres, não se medem aos palmos.

Erico Braga vendia pecegos carecas com capachinhos.

José Climaco, conseguiu impingir Rosas de Portugal, dentro dum cabaz de morangos. Foi negocio de mão cheia e Francis fez uma boa colheita em rabanos.

Um galo vendido por Almeida Cruz, cantou trez vezes a fio a «Viuva Alegre».

Enfim, estiveram todos a caracter: ortaliga e artistas.

## Caravela ou caíque?



Não ha concurso artistico em Portugal que não origine zaragata. Agora é o do timbre da Exposição de Sevilha. Gago Coutinho não «vai no bote» da caravela, e Roque Gameiro afirma que no assunto não ficou a ver navios. Para acabar a questão, «Sempre Fixe» dá acima um modelo de «caravela» que não admite a menor duvida.

## BOM HUMOR

—O meu marido está muito mal, sr. doutor?

—Sim, minha senhora!

—Por Deus, doutor! Faça-o viver mais oito dias. Não quero interromper uma fita em series que estou vendo...

\* \* \*

Ele:—Querida! Não se quer deixar um bocado até eu achar a maneira de matar o herói da minha novela?

Ela:—Muito simples! Faça-lhe ler o principio...

\* \* \*

O polícia:—O senhor está certo que perdeu a carteira ao pé dum candieiro?

—Não... Vinte metros mais longe.

—Então, porque a procura aqui?

—Porque ha mais luz!...

\* \* \*

—Ha oitenta anos que habito neste lugar.

—Então é o morador mais velho?

Não! O mais velho é o José Jacinto. Tem menos um ano do que eu, mas como se casou três vezes...

\* \* \*

—Lições de declamação?! O senhor pretende dedicar-se ao teatro?

—Não penso nisso! O que não queria era balbuciar quando estou mentindo a minha mulher...

\* \* \*

Entre mendigos:

—Quem é este novo colega?

—Um pobre burguês que precisa ganhar a vida para pagar os impostos...

\* \* \*

No Jardim Zoologico:

O pai, em frente dum zebra:—Que animal é este, Joanito?

—Um burro com fato de banho...

\* \* \*

O polícia sinaleiro:—Porque não parou? A senhora não viu os meus sinais?

A *chauffeuse*:—Por quem me toma o senhor?

\* \* \*

Ele:—Porque razão a sua amiga fecha os olhos quando canta?

Ela:—Não gosta de ver sofrer ninguém á sua roda...

\* \* \*

A tia:—O menino é muito gentil informando-se da saúde da sua tia-sinha...

—Não digas isso! O que quis foi fazer uma partida ao papá, que me bateu...

## AS MELHORES CEIAS

são as da PENINHA

Os melhores jantares ao domicilio

são os da PENINHA

67, Rue Pascoal de Melo, 69

Telefone Norte 5582 (á Estalania)



—Decididamente, prefiro a comedia á opera. Com esta barulheira, não ha quem possa conciliar o sono.

ALTOS E BAIXOS

## O AMOR

SEGUNDO OS SCIENTISTAS

é a grande alavanca da vida do homem e a medida da sua grandesa

Lisbos, a linda gaiata que já cortou, por completo, os cabelos á *Joãosinho*, ha um tempo a esta parte que respira amor por todos os seus altos e baixos...

Houve alguém — e que no era estúpido como qualquer galinha — que disse que o amor é a grande alavanca da vida do homem e a medida da sua grandesa.

O leitor, claro está, é que tem de avaliar o volume da concupiscente frase!

Mas, *pêlo sim, pêlo não*, vá lá um pouquinho de auxilio ao discernimento alheio. O coração — é uma grande verdade — valo o que valer o amor. E' ele que, inspirado por Eros e alfinetado por Cupido, o unico sentimento nobre e belo que põe em movimento todos os outros sentimentos, tais como o temor, a esperança, a tristeza, o ciúme e a colera. Eleva ou rebaixa o homem; transporta-o até ao extasis ou tortura-o até á agonía.

Nesta ordem de ideias, bem tetricas para o *Fize*, á parte os conceitos, o sexo forte *enfraqueceu*... e anda torturado. Pudera, não!

As mulheres, essas doidivas do amor, que ostentam frescas *toilettes* e, por vezes, ricos casacos de peles

que para tudo servem menos para abafar, parecendo andar mais *Leasniakadas* do que vestidas, fazem perder a tranmontana a qualquer incoente menino de escola... E nas ruas da Baixa, quando elas se exibem, sob o olhar complacente e ao mesmo tempo libidinoso do sr. dr. João Eloi, então, o homem, que, segundo o vulgo, *não é insensível*, por mais alto e forte que seja, vai-se abaixo das pernas...

Porém, se é galanteador, já sabe que tem de dar um passeio até aos Pequenos Delitos — o unico *refiro espiritual* onde o Amor é trocado pelo Dinheiro, com o benaplacito do Código Penal...

Ali, — *Senhor de Vasconcelos!* — só se suspira materialidade.

E porquê?

Porque os unicos são a unica maneira de ser dos integérrimos mag's-trados — que renegam Eros...

Não obstante esses precalços, a linda gaiata que já cortou, por completo, os cabelos á *Joãosinho*, continua, prodigamente, a respirar amor por todos os seus altos e baixos...

E' uma doidice! Uma perfeita *lambaricada!*...

Rima — é verdade.

Ivinho.

## CANTINHO DA RIBALTA

VI

## O Talento (Salvo honrosas excepções)

Jamais se manifesta um bom talento na concepção dum poema, uma escultura, um quadro genial ou partitura onde a inspiração brote um momento.

Que importa construir-se um monumento em que o saber e o éstro se afigura? Chegar, na mathematica, a uma altnra que prove o mais audaz merecimento?

Talento, não é arte nem sciencia que nos sirva de bussola ou de norte, para nos conduzir á evidencia.

Tão pouco é prescrutar se, além da morte, pode ou não pode haver outra existencia. Talento é simplesmente... manha e sorte!

Apanha Cantinhos.



— Maria, traga-me a caixa das agulhas.  
— Agulhas não ha; só lá encontrei alfinetes.



## Infancia inconsciente

Trrim... Trrim...

—Quem será?—preguntavam-se os membros da respeitavel familia Soisa. Ouviram abrir a porta da sala e, pouco depois a criada anunciava:

—E' a sr.<sup>a</sup> D. Mariquinhas e o menino.

Foram para a sala atender a visita, deram á lingua durante quasi uma hora, e quando D. Mariquinhas se dispunha a sair, todos os da casa lhe pediam que ficasse, que jantasse, que lhes dava muito prazer, sempre havia de chegar, etc., etc.

Ao illustre rebento de D. Mariquinhas, miúdo de 10 anos, luziram-lhe os olhos com a perspectiva de jantar em casa dos Soisas. Já lá jantara uma vez e lembrava-se bem dum belo pudim que tinham comido á sobremesa. Estava calado, mas pedindo aos deuses que a mão se resolvesse... Mas D. Mariquinhas desculpava-se: que não pod'a ser, não tinha avizado em casa e ficavam em cuidado, que agradecia muito...

O miúdo viu o caso mal parado... e para «salvar» a situação, sai-se com esta:

—Não acreditem! Está-se a fazer rogada, mas, antes de sairmos, disse que, se não voltassemos até á hora do jantar, era porque jantavamos cá!

Escusado será dizer que jantaram com as Soisas o que o menino, ao chegar a casa, viu quantas estrélas, planétas e cométag ha no ceu, ao sentir o duro sapato de D. Mariquinhas, brandido com quanta força ela tinha...

Zé Diabo.

## C. M. L.

Co'a alavanca fecunda que se vê por toda a parte, muito em breve, na Rotunda, vai fazer-se uma obra d'arte.

A ideia piramidal começa a'nda este mês. 1.<sup>o</sup> o Arco Monumental nas trazeiras do Marquês.

Mas um alvitro entre os varios, que acabava p'r'ó futuro com actos revolucionarios, era antes fazer-se um muro!

Muro alto como em Pekin, que quasi no céu tocasse, que ao parque desse outro fim, nem á Rotunda cheirasse...

Sem portas, p'ra não entrar para lá a artilharia...

Então, sim, que ora gosar esta vida, dia a dia,

Mas com grades e um portão, com um arco e uma porta, dá na mesma e, assim, não passamos da cépa torta...

Torradinhas com manteiga, As ideias são 'seculares... E o tal arco faz-se quando os galos tiverem dentes...

Ripópó.

Sortes grandes?

só o PINA as vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

# O "SEMPRE FIXE" daqui a 50 anos

Do «Sempre Fixe» de quinta-feira, 2 de Fevereiro de 1878

**VIDA MUNDANA — Cesamentos**  
*«Vigete»*. — Realizou-se ha dias, na igreja de Santa Engracia, o enlace matrimonial do capitão aviador Dona Micaela Martins, filha da ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> Dona Fernanda Martins, nosso embaixador na Republica da Hotentotia, e do sr. Estanislau Barbosa Martins, ex. o sr. Mario Virgolino, encantador filho da ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> Dona Angelica Virgolino, comandante do cruzador *Quatre*, e do sr. Feliciano Antunes Virgolino.

O noivo vestia uma linda *tailor* branco e cravata vermelha, confeccionada nas *ateliés* de Mr. Durand.

Na *cerimônia* do noivo viam-se presentes e valiosas prendas.

**Diplomatas** — Seguiu, ontem, no avião-expresso, para o Imperio Solar, a ex.<sup>ma</sup> Doutora Dona Raquel Felix, nossa embaixatriz, que viera passar doze dias entre nós, para assistir ao baptismo de seu encantador netinho.

Ao aeroporto do Montijo, foram despedir-se do lustre viajante, além de seu marido, que a não pode acompanhar por incomodo de saude, tudo quanto ha de mais selecto no nosso meio intelectual, que assim prestou uma justa homenagem não só á diplomata, mas á distinta investigadora-arqueologa que, como todos sabemos, conseguiu adaptar a moderna literatura as poesias do grande lirico que viveu nos principios deste século e que usava o pseudonymo de *Poeta Seculha*.



—Que camisa tão curta, Salustiano.  
 —É verdade. É extraordinario, sendo as mulheres tão *cautas* de meter em camisas de onze varas.

## DA GERAL...

# A CARTEIRA DE PELE VERMELHA E A SOPA DE MACARRONETE

O Ginnasio deu á luz o herripilante drama policial com o titulo primeiro.

É aquilo seria uma grande tragedia cinematografica em muitos episodios se, em vez de ir no Ginnasio, fôsse no Tivoli, e, em lugar do Tarquinio, nos apresentassem o Signoret.

Não faço a descripção da peça para não pôr os cabelos em pé aos leitores carecas, mas juro por todos os Santos da Terra e do Ceu que o Alexandre tem uma linda cabeleira e no papel de medico operario parece um verdadeiro veterinario. Henrique de Albuquerque muito bem num papel de regedor da freguesia de Calceira-do-Baixo. Jorge Grave, com duas cabeleiras, uns óculos muito reinadios e uma bata muito enxovalhada e indigna dum emprezario endinheirado.

Constança, a unica, pessoal e intransmissivel sucessora da saudosa Maria Guerrero. Mora, admiravel no papel de dono duma cirvoaria. Ora Maria Carlos... sem ser Fernandes da Cruz (*Receiz*), muito mais humoristica do que o autor desta critica. Tambem para isso não é preciso muito!! Judice da Costa, no papel de Aldaya... parecia uma Aldeia com Igreja, sinos, paroco e tudo.

Os outros fizeram chorar a plateia. Embora estivessem todos prestes a morrer, salvaram-se milagrosamente. O scenario do terceiro acto, melhor do que o primeiro e muito superior ao terceiro.

No Maria Vitoria, a *sopa* da Hortense Luz desopilou-nos o figado, bastante resentido com o dramalhão a que atrás me refiro. Hortense sorriu, Santos Carvalho riu e o Antonio Gomes da T... achou tanta piada ao seu proprio personagem que rasgou a boca com as suas gargalhadas de cristal... da Marinha Grande.

O critico do *Fixe* pagou 13\$00 por um *fantochê* quasi junto á geral, mas deu-os por bem empregados. Aquilo não é *Sopa*. É um lauto jantar que até, para ser mais completo, possui uma excelente Luz...

\*\*\*

Palmira Bastos, depois d ter sido enganada, naquela celebre *Noite do Casino*, pelo Alexandre de Azevedo e pelo Henrique de Albuquerque, em vez de se suicidar, foi cantar as suas magnas para o Ginnasio. Entusiasmou-se quando se colocou no *Ponto* a *lingue de nota artistica* de Madame Martin...

Disse com calor proprio duma noite de inverno as *Quatinhas*, com o *lato* os *Cinco Sentidos* e parecia um *jaeto* de luz ao dizer a *Sombra*.

Ai, Jesus! Com que sentimento ela recitou ontem o *A'manhã*. E, como se isto fôsse pouco, Palmira Bastos endoidecendo a plateia!

É que *Ordem uterologica* do *Programa* nunca funcionou bem...

Valham-me os... *Soldados de Infantaria*!!

Rocix.



— Lá rebentou outro pneumatico.  
 — Não admira, este frio traz muitas pneumonias...

# DUAS MANEIRAS

(Subsidios para um manual de civilidade)

I  
 É' p'ra mim um dissabor ouvir dizer a qualquer: — Não batam numa mulher nem sequer c'uma flôr!

De facto, que triste sorte p'ra uma mulher que se preza! — Não a fez Deus, com certeza, para servir de chicote...

Vão no entanto saber qual a minha opinião, que muitos perfilarão sem coragem de o dizer...

Digo. Mas não vão supôr que seja este o meu caso... — Arranquem primeiro a flôr e atirem depois o vazeo...

II

Ouvi em tempo explicar (ta quieto, não me lembro agora) que não se deve fumar estando ao pé duma senhora.

Procurei saber então se era habito já velho e qual seria a razão de quem dá este conselho.

E disse-me que acção tal nunca se deve fazer, porque pode par'cer mal a gente não oferecer...

Anibal Nazaré.



—Aqui é que eu queria ver aqueles que dizem que isto não é trabalhar. Nos anos que peço nesta porta já apanhei três pneumonias que me teem levado ás portas da morte.  
 —E porque não muda você de occupação?  
 —Porque é preciso viver...



— Não sei como podes dormir com essas barbas!

— Nunca reparei se as barbas me incomodavam.

— Ora vamos a vêr se as barbas me incomodam.

# Coisas que toram vistas e coisas que... estás a vêr

Viajavamos em grupo, dois homens e três senhoras, com destino a Sevilha.

O comboio seguia a grande passo de boi pela Andaluzia fóra. (Eu deixo estes adverbios á escolha porque, em humorismo, ha coisas que parecem muito fóra do trivial e que o leitor acha muito dentro...)

O comboio, depois de uma longa noite e de um longo naco de dia, pa-



rou em Mérida. Tem de se pôr bem o ponto no i, para que se veja que não nos enganámos no caminho.

Demorou-se o comboio, tempo de sobra para irmos á Mérida três vezes, e tanto se demorou que recebeu uma passageira do seculo passado.

Um sinistro remexer do ferrólho nos anunciou que vinha gente.

Cortámos a conversa e fizemos, moralmente, a mesma casa da guarda que os forcados fazem aos teuros nas corridas de gala, e, ao abrir da porta, o primeiro touro, perdão, o primeiro passageiro a investir foi uma velha, que... subiu, subiu, subiu e sentou-se silenciosa. Nen. bom dia, nem boa tarde. Nada!

Vestia com certo luxo e cheirava a noiva a léguas de distancia. Mas o que mais chamava a atenção era o negro retinto da cabeleira e o cuidado com que tinha pintado da mesma cor as pestanas, as sobrancelhas, os pelinhos da pera e as guias do bigode:—um bigode e péras!

Aquela pintura sobre as escamas e

baixos relevos da sua cutis davam-lhe o aspecto de uma obra prima ao sair das mãos do engraxador.

O outro passageiro, o noivo, a deitar malas pelas costuras e bofes pela boca fóra, arrumou os bofes e as malas á vontade da velha, a quem dizia: «Sim, minha querida», e sentou-se ao lado dela, solcito e carinhoso, a soprar e a limpar um suor exagerado. Era sensivelmente mais novo; tinha aneis de brilhantes, que exibia sem sacrificio, e tão docil que mais parecia um criado entrado ao serviço pela porta matrimonial!

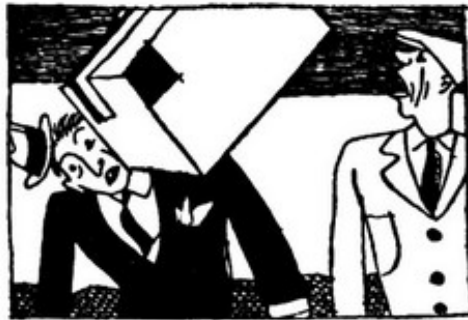
O terceiro e ultimo passageiro que entrou viajava só. Era uma especie de salta-pocinhas, comunicativo. Cumprimentou, sentou-se o assstou baterias para meter conversa, observando qual de nós tinha cara de trazer o assunto mais á flór dos labios.

Generalizou-se a conversação, ficando apenas mudo o casal de nubentes, que completava, com aquela viagem terrena, o venturoso vôo da lua de mel.

Mas o noivo não socegava. Olhava para as malas que estavam por cima de mim e não sei o que disse á noiva que esta, dardejando olhares coruscantes, lhe retorquiu, no tom mais seco e troante:

—Cale-se! Não seja inconveniente!

O homem enguliu em seco e resignou-se. Um grande pasmo, seguido de uma grande compaixão pelo desgraçado, perpassou de olhar para



olhar, numa telefonia surda e sem fios. E sobre a velha fuzilaram, de todos os lados, faiscas de um odio nascente e prometedor.

O salta-pocinhas ficou desolado. Fizera varias tentativas para fazer rir o auditorio, com alguns ditos de espirito, e via, com desapontamento, que o mau-humor geral lhe fallava os objectivos.

O comboio partiu, mas agora agitado e convulso, como se a velha lhe



não tivesse *assculado* bem no interior.

As malas agitavam-se nas rédes, em repelões epilepticos, e o noivo, olhando o tecto por sobre mim, deu novos sinais de inquietação e voltou a segredar qualquer coisa.

—Já lhe disse que se cale e que não seja imprudente— redarguiu a noiva, com maior energia.

Nova humilhação, seguida de um encolher de ombros filosófico; novo pasmo, compaixão, odio, etc. E eu dizia de mim para mim:

—E Deus não mando um rá...

Não pude concluir. Assim que ouvi isto, Deus pegou na maior mala da réde e, sem dizer «Mala vai!», deixava-m'a cair em cima.

O noivo foi o primeiro a vêr e a avisar-me. Era uma bela mala amarela, de couro lustroso e fino, um daqueles couros muito sabidos!

Tive apenas o tempo de estender o braço, a evitar o choque, e de con-

vencer a mala a cair em cima do outro. Mas de quem, santo Deus? Todos me eram simpáticos? Só a velha...

O casourgia. A mala chegou. Encolhi o braço, a criar balanço, fechei os olhos e lancei o péso com toda a energia, como quem atira o diabo á rua.

A velha foi atingida em cheio e, pela primeira vez, eu ouvi um alvo, com os olhos em dito, a gritar por socorro. O chinó que, pelos modos, já tinha levado dois piparotes clandestinos, com mais aquele ficou ás três pancadas. O chapéu, que então se usava com plumas e no alto do penteado, ficou desazado e entiou pela cabeça da dona até ficar á moda de agora.

E nós todos, apresentadas as minhas desculpas, continuámos a rir, sob pressão e prestes a explodir ante os olhos ferozes da atingida.

Foi então que o salta-pocinhas, para disfarçar e entreter a velha, lhe explicou que a mala, além da força da gravidade que a sollicitava de cima para baixo, tinha a força da gravidez que a sollicitava de dentro para fóra.

Nós não quizemos ouvir mais. E foi num côro de gargalhadas que a noiva, fóra de si, saltou na primeira estação, levando a reboque o noivo e as malas. E foi igualmente num côro de risota que o salta-pocinhas gosou finalmente o prazer do triunfo, repetindo baboseiras sem nexo, convencido de que fóra o seu espirito o causador de tanta hilariedade.

E agora, quando viajo com uma criatura impertinente, olho para a réde, á espera de uma mala que, como aquela, me caia do céu aos trambulhões.

Ao segundo concluo que as viagens por mar, com o seu inevitavel enjô, são muitas vezes mais desenojativas e alegres do que ir ao Gimnasio.

Reporter X-X.

## EXCESSO DE TRABALHO



— Você é novo ainda. Porque não trabalha?  
— Não tenho tempo; 10 horas por dia levo eu a pedir esmola.

## IMBECILIDADE



— Pretencioso eu!? Eu pretencioso!? Pois se eu tenho a pretensão exactamente do contrario!

## ROMANCE MEDIEVAL

**GUIDO E ISOLDA**

Isto passou-se no tempo da cavalaria.

O sol afundava-se com lentidão no Oriente, e iluminava com os seus últimos raios as torres do sinistro castelo de Duggensberg.

Isolda e Esberta estavam sobre a torre de menagem do castelo. Murmurou:

—«Guido!»

E suspirou profundamente.

Com a sua beleza eterea, mal parecia respirar. Quasi mesmo não respirava. Era tão delgada e graciosa como um meridiano de longitude...

—«Guido!»—murmurou ella, ainda. E, torcendo as mãos, acrescentou:

—«Não o vejo no horisontel»

Entretanto descia a noite e as janelas do castelo iluminavam-se. O margrave, seu pai, ia celebrar os seus esponsais com Tancredo o Tentador —na presença dos seus vassallos: Huberto o Estovado, Eduardo o Desdentado, Rolando o Redondinho, e quejandos.

O amor de Guido e de Isolda tinha aquela pureza divina, propria dos amantes da epoca.

Nunca se tinham visto. Nunca se tinham falado. Não se conheciam, de maneira alguma. E comtudo: amavam-se!

Alguns anos antes, Guido vira o nome de Isolda pintado numa parede. Empalidocou, sentiu-se indisposto e partiu para Jerusalem.

No mesmo dia, Isolda, ao passar nas ruas de Gand, tinha visto a cota de malha de Guido, a secar ao sol, pendurada numa corda. Isolda desmaiou nos braços das criadas graves e, nesse mesmo minuto, o amor entrou-lhe no coração...

Guido tinha resolvido levar a efeito proezas maravilhosas que o tornariam digno da sua dama. Ao mesmo tempo jurou que, até ao cumprimento da promessa, só comeria sopa, peixe, carne, legumes, fruta e doce e só beberia vinho.

Em Jerusalem, por sua dama, matou um saraceno. Era, até, um saraceno dos maiores.

Em Constantinopla matou tambem um turco. Depois foi á Laponia, onde matou um magnifico esquimó.

Entretanto, Isolda esperava-o. Não porque lhe faltassem preten-

ções! Pelos seus belos olhos, Otto o Otario lançara-se ao mar; Conrado o Condor tinha-se precipitado duma torre para a lama do fôssol; Hugo o Uterino enforcara-se pela cintura no ramo mais alto duma nogueira; Siegfried o Chichisbeo bebera acido sulfurico...

Mas Isolda a Esberta no lhes prestava a menor atenção. A sua sogra, Agatha a Massadora, instava em vão para que ella se casasse. O coração de Isolda conservava-se fiel a Guido.

De tempos a tempos recebia dole lembranças preciosas. Assim, elle enviara-lhe de Jerusalem uma bengala com um encaixe que simbolizava a sua fidelidade, de Constantinopla uma prancha de pinho e de Venesa uma mão-cheia de sorradura.

Mas o seu ultimo projecto era voltar a Gand, escalar de noite a falia do castelo, matar o pai de Isolda, deitar a sogra do alto da torre grande e raptar emfim a sua noiva tão desejada...

\* \* \*

Justamente nessa noite, elle ia pela estrada de Gand, com cincuenta companheiros de armas, chefiados por Carlo o Ladrilhador...

Graças á escuridão, atingiram a base da penedia e, rastejando sobre

as mãos e os joelhos, começaram subindo o caminho helicoidal que levava á porta da fortaleza.

A's seis horas tinham já efectuado uma volta completa. A's sete haviam progredido mais um passo daquelle parafuso de caminho.

Quando a festa estava no auge, atingiram a poterna.

Guido envergava um *dominó* sobre a cota de malha e brandia uma trompa. Sob a cota va escondida a miniatura que representava os traços adoraveis da bem amada que elle nunca vira—enquanto, no mesmo instante, ella dissimulava, sob o vestido de noivado, a miniatura que lhe revelara os traços nobres e masculinos do seu cavaleiro desconhecido.

No castelo começava o alegre festim. O gigantesco margrave bebia enormes taças de vinho, á saude de Tancredo o Tentador, e divertia-se imenso com as facecias do novo bôbo que o senescal introduzira no salão.

Enquanto o margrave, perdido de riso, punha as mãos na barriga, Guido—porque o bôbo era elle—ergueuse de repente. Brandiu a sua maça de armas e os convidados do margrave exclamaram:

—Guido! E' Guido! Holá! Guido!!

—Silencio!—ordenou elle. — Sois meus prisioneiros.

**!! Não queira ficar assim !!**

USE A **VITELINA-VITERI**

TONICO AMARELO

Torne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos

FRASCO 8000

Deposito—VICENTE RIBEIRO & C.

R. dos Fanalinos, 84. 1.º D.-Lisboa

**BLASCO IBAÑEZ**



Sentida homenagem do **FIXE** ao glorioso escritor e eminente republicano

Então, levando a trompa aos lábios, soprou com toda a força.. Soprou outra vez... Soprou quanto pude... E nenhum som se ouviu!

—Apoderem-se dele!—gritou o margrave.

—Perdão!—protestou Guido.— Em nome das leis da cavalaria, declaro que vim aqui procurar Isolda, que vós concedestes em casamento a Tancredo. Deixem, pois, que eu me bata com elle!

Os convivas aprovaram e o combate singular começou. Foi horrendo!

Primeiro, Guido, levantando a maça de armas com ambas as mãos, abateu-a violentamente sobre a cabeça couraçada de Tancredo.

Depois ficou quieto e foi Tancredo quem, por sua vez, descarregou uma pancada terrivel sobre a cabeça de Guido.

Após o que, Tancredo virou-se e abaixou-se. Então Guido deu-lhe, de lado, uma fortissima pancada no sitio mais trazeiro da couraça.

Depois Tancredo imitou-o.

Em seguida, Tancredo doitou-se sobre os joelhos e os cotovelos, e Guido applicou-lhe uma terceira pancada entre as omoplasas.

Era, em suma, uma luta de destreza e agilidade.

Durante bastante tempo, o resultado do duelo foi duvidoso...

Por fim, a armadura de Tancredo amolçou-se; as pancadas do noivo-cavaleiro foram enfraquecendo. Guido aproveitou habilmente a circunstancia para o achatar como uma lata de sardinhas.

Então, colocando o pé sobre o peito de Tancredo, Guido abaixou a viseira e olhou em volta.

Um grito horroroso se ouviu...

Isolda, alarmada com o barulho do combate, corraera para a sala.

Acabara de vêr o cavaleiro dos seus sonhos. Por seu turno, elle contemplara, pela vez primeira, a dama dos seus pensamentos.

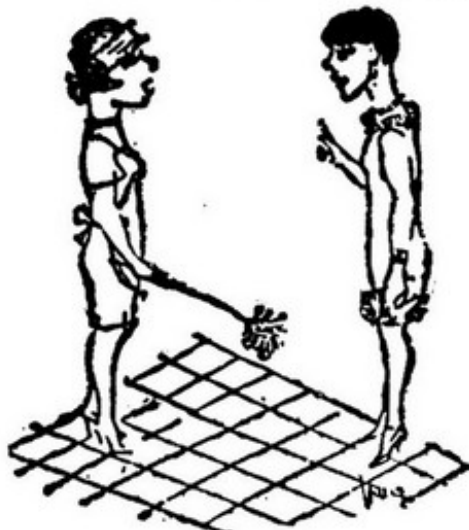
E ambos haviam desmaiado, vítimas dum mal-entendido!

Guido não era Guido, como Isolda não era tambem Isolda.

Houvera engano nas miniaturas!

Traduzido do estrangeiro por

**Antonino.**



—Anna, o senhor está com um resfriamento. Pouha-lhe uma botija aos pés da cama.

—Muito bem, minha senhora. Whisky ou cognac?



—Ora ouve. Não tínhamos combinado que não nos matariamos? E acabas de me pôr um olho num bolo.

—Perdão, Chico. Foi sem querer. E' que vi o meu cascero entre o publico.



**Martirios dum barrigudo**

—O' senhor doutor, como eu gostaria de ser delgado, agil!—dizia o Evaristo ao medico que mandara chamar.—Para ser magro, eu daria tudo o que tenho.

—Conheço um remedio infalivel, mas o sr. Evaristo, como é muito guloso e indolente, nem com ele se pode curar! Eu já tive barriga, mas desapareceu devido a um tratamento rigoroso e persistente que fiz. O mais eficaz dos remedios é fazer *footing*, natação e ginástica.

—Mas, não ha outro remedio para que me desapareça a barriga, que a minha mulher tanto detesta? Com esse, perde o seu latim.

Depois do medico sair, a mulher increpou-o, enraivecida:

—Tu és lá capaz de fazer alguma coisa! Desde que és rico, não pensas senão em beber, dormir e comer. O doutor tem bastante razão quando diz que, qualquer dia, estarás inutilizado. Mas, hoje, outro galo canta! Vais ter vida nova porque, depois do almoço, vais comigo a pé até ao Campo Grande!

—Estás maluca? Ir a pé da Junqueira ao Campo Grande?

—Olha lá, o que tem isso! Naturalmente querias ir dormir a sesta, não!

Acabado o almoço, sob um sol ardente (era de verão), saíram e, todo o caminho, o Evaristo, soprando como um bufalo, dizia para a mulher:

—Tenho a camisa colada ao corpo! Tu fazes com que eu apanhe uma pneumonia.

—Isso faz-te bem! Precisas *footing*...

Chegado á borda do lago do Campo Grande, Evaristo, sem dar por isso, apanhou um excellentissimo encontro da mulher e baldeou á agua. E enquanto os barqueiros o ajudavam a vir para terra, rebocando-o, a mulher concluiu:

—Agora é preciso correr um pouco! Boiar devia ter-te feito muito bem! Os teus membros estavam-se a enrijar...

E Evaristo, o martir, foi a correr até ao Saldanha, deixando um rastro de agua por onde passava.

Logo que chegou a casa e depois de mudar de roupa, a mulher dizia:

—Quero que tu vás apanhar um ninho de andorinhas que está na arvore do quintal.

—O quê? Agora é que eu me convenço que tu estás doida de todo!

—Tu, se fosses um marido ideal, podias muito bem fazer-me a vontade...

—O' filha, a arvore é muito alta!

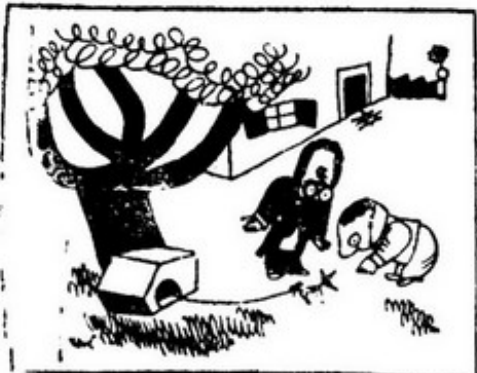
—Muito, não! Apenas um pouquinho, mas, com a ajuda duma escada, facilmente consegues.

Subido o ultimo degrau da escada, Evaristo diz para a mulher:

—Tu enganaste-te! Não está cá ninho nenhum!

—Vais vê-lo! Vais vê-lo!—dizia-lhe a mulher, ao mesmo tempo que tirava a escada e o deixava pendurado na arvore.—Já hoje fizeste *footing*, natação e um pouco de ginástica. Desce agora da arvore depressa, porque já está a sopa na mesa...

**Precaução**



—Caramba, para um cãosito tão pequeno não te parece exagerado o latreiro «Cuidado com o cão»?

—Não, é para que o não pisem...

**O NOVEL ACTOR**

(Historia verídica de uma vocação)

Não é rara a aparição de varios tipos com a pseudo-queda para determinada vocação. Um conheço eu que se diz pintor e que compra, a toda a hora, as mais caras tintas e os mais caros pinceis e tem sempre em casa uma enorme colecção de telas em branco de todos os tamanhos, que ele suja com copias de litografias baratas e que depois assina e oferece aos amigos.

Conheço um outro que a familia admira como poeta porque, em dias de anos de gente conhecida copia sonetos de poetas celebres, assina-os e manda-os geralmente com um seu cartão e um ramo de flores.

Com este até aconteceu comigo, que não sou nem *celebre* nem *poeta*, um caso interessante.

Tinha eu escrito um soneto para ser dito e vendido por Lucilia Simões, no teatro de Sá da Bandeira, isto para uma recita a favor do Sanatorio Maritimo do Norte, e eis senão quando, indo eu visitar um amigo encontrei o meu soneto impresso num cartão, soneto todo *puchante* ao óculo pelos bons sentimentos que eu pretendia arrancar, tendo por *en-tête*: «Ao meu amigo F... no seu dia de anos!»...

Até agora, no teatro, eu tenho conhecido muitos madures, mas o mais completo foi-me apresentado, no Porto, pelo empresario Oscar Ribeiro. A sua paixão pela scena é tão grande que, por mais de uma vez, tem causado empresarios com missivas varias, a ultima das quais eu transcrevo para que os meus leitores a saibam, apreciem e comentem.

Ela ahí vai:

Ex.<sup>mo</sup> Sr. Oscar Ribeiro  
Empresario do Teatro Aguia de Ouro  
Porto.

Mais uma vez venho apelar ao seu generoso coração.

Como V. Ex.<sup>a</sup> me tinha mandado para o palco, julguei que era para me entregar o papel de *experimentação*, mas não. Era para *experimentar* a voz e eu encontrava-me bastante rouco e foi esse o motivo que me le-

vou a deixar passar tanto tempo em claro este assunto, que me traz bastante apaixonado.

Pedia a V. Ex.<sup>a</sup> para se lembrar de mim. Queria ser actor antes do fim do ano.

Não me importa que não tenha contrato antes do meu debute; depois pensarei.

Conforme o meu trabalho, peço-lhe que me dê um ou dois papeis que sejam bons, pois eu tenho um grande poder sobre o jornalismo e sobre os criticos teatrais e deles depende o bom acolhimento da nova peça.

Queria dois papeis para poder anunciar o *debute* de um novo actor. Creio que o não vou deixar mal, pois tenho mais vocação do que V. Ex.<sup>a</sup> imagina.

Tenho a firme certeza que V. Ex.<sup>a</sup> não tem nenhum homem na sua companhia que faça o trabalho que eu faço.

Creia que nos actuais amadores ha artistas e bons. Eu posso ser submetido a um rigoroso exame com o papel mais difficil que appareça em qualquer revista, pois eu, com algumas palavras dramaticas, arranco as lagrimas de mim mesmo, o que é de grande realce.

Espero que não se esqueça e que leia uma ou mais vezes, o que eu frizo bem nesta carta. Eu proprio preguntarei a V. Ex.<sup>a</sup> qual a sua resolução, pois desejava passar o ano sendo já actor profissional.

Pedia tambem para V. Ex.<sup>a</sup> me dar um cartão de livre transito para de dia e acite as *bous-festas* deste seu novo empregado.

(a) Alcino Alves,  
(Electricista.)

Quem sabe até onde chegaria esta vocação ou arrojado de ignorante?

Quem sabe se, daqui a anos, não se veria nas gazetas:

«Foi condecorado com o habito de Cristo o actor F., que debutou com enorme successo no Teatro Aguia de Ouro, em fins de 1927.»

Amigo Oscar Ribeiro: faça a vontade ao homem, que desta massa é que se tem feito muitos...

Reporter B.



— O senhor não sabe que a lei proibe o casamento de menores...

**Elevador da Gloria**

A Semana dos Artistas acabou, na Praça da Figueira, domingo passado. Os papeis foram distribuidos ao acaso, mas calharam que nem gaitas:

- José Climaco — Vende o seu peixe.
- Erico Braga — Pêçegas carecas.
- Alves da Cunha — Tomates saloios.
- Lucilia Simões — Pescadas do mar alto.
- Armando Vasconcelos — Nabos da horta.
- Ena de Oliveira — Couves tronchudas.
- Joaquim Almada — Trouxas de ovos.
- Sanwell Dents — Sandwiches.
- Seizas Pereira — Frutos da dita.
- Auzenda de Oliveira — Ameitonas de Elvas.
- Amarante — Vinho verde e agua-pé.
- Beatriz Costa — Marmelos.
- Mario Sam-paio — Paio de Castelo de Vide.
- Maria Córte-Real — Rainhas claudias.
- Hortense Luz — Grão de bico.
- Tarquínio Vieira — *Tric-tracs*.
- Maria Isabel — Pão e rosas.
- Costinha — «Viva da Costal»
- Celeste Leitão — Leitões.
- Filomena Lima — Limas e limões.
- Alberto Ghira — Almanagues dos Palcos e Salas.
- Palmira Bastos — Amoras da horta.
- Palmira Torres — Vinhos da região.
- Ribeiro Lopes — Agua da fonte.
- Luiza Satanela — Macarrão á italiana.

A lista fica incompleta, para o leitor so dar ao trabalhinho de fazer alguma graça, o que não custa nada a ninguem. Os artistas não se ralam porque tudo isto é a brincar e a brincar se vai vivendo. Muitos ficam de fora. Não por culpa nossa, mas sim dos padrinhos do baptismo, que escolheram muito mal os nomes. Por exemplo, o Alexandre de Azevedo. Lembrámo-nos do Alexandre da Macedonia. O guerreiro, porém, não vendia nada ao balcão. Andava lá metido com os satrapas da Persia, fazendo trinta por uma linha.

Ponto. Acabou a costura.

**Luís Monteiro e o seu projectado monumento**



(Desenho de Jorge Cid).

Justissimo que seja moldada em bronzo a figura de quem deu musculos de aço a tanta gente.

# A SEMANA DOS ARTISTAS



A Caixa agradece, a toque de caixa os óbulos que lhe encaixaram

Eu bem queria, mas não posso... ai... ai...



Um esplendido desempenho sem ponto nem ensaios